

Conquistadores

O primeiro conquistador certamente foi o próprio Cristóvão Colombo.¹ Colombo chegou primeiramente a Bahamas, seguindo para Cuba e Haiti. A atual Haiti Colombo chamou Espanhola e fundou ali um forte para em seguida regressar a Espanha. Em sua segunda viagem Colombo navegou até Porto Rico. Foi apenas em sua terceira viagem que Colombo de fato pôs os pés em continente americano, na altura da foz do Rio Orinoco, atual Venezuela. Ali Colombo fez contato com os nativos e encontrou riquezas naturais. Contudo, ao regressar a Espanhola Colombo descobriu que os reis espanhóis receberam relatos de sua má administração da colônia e enviaram Francisco de Bobadilha para averiguar a situação. Colombo e seus irmãos Diego e Bartolomeu foram presos e enviados a Espanha para prestar contas de seus atos. Posteriormente Colombo foi inocentado e empreendeu uma nova viagem as Américas com a missão de encontrar uma conexão entre o Caribe e o Oceano Índico. Após enfrentar muitos perigos Colombo chegou a ficar enclachado na Jamaica para conseguir retornar a Espanha, onde morreu em 1506.

É importante destacar que em todos esses lugares logo se estabeleceu um contingente espanhol e o sistema de encomiendas. Quando os índios se recusaram a trabalhar foram mortos, caçados com cachorros e violentados em todos os sentidos: as mulheres eram violadas, os homens mutilados, os jovens escravizados. O próprio Colombo teve uma administração marcada por grandes crueldades e os que se seguiram não foram mais brandos. Muitos índios morreram por violência e outros tantos pelas doenças trazidas pelos europeus. Além disso iniciou-se desde muito cedo o tráfico de escravos africanos que eram trazidos para realizar os trabalhos que os espanhóis não desejavam fazer. Já em 1502 Nicolou de Ovando trouxe escravos africanos e em 1505 conseguiu permissão da coroa para trazer mais.

Logo o interesse dos espanhóis nas Antilhas e no Caribe se deterioraram, pois os próprios índios locais falavam sobre notícias de um rico império ao sul com o desejo de se verem livres dos europeus. Atraído por essas lendas, Hernán Cortés (1485-1547) atirou-se com 500 homens e 16 cavalos na missão de descobrir e explorar esse império lendário. Cortés chegou primeiro a Cozumel, uma ilha na costa leste do México, e depois foi para Tabasco, já em continente americano. Ali Cortés se inteirou de uma lenda de uma serpente emplumada de nome Quetzalcóatl que teria ido para o oriente com uma promessa de que voltaria um dia. Cortés fez correr a notícia de que ele era Quetzalcóatl que havia retornado. Assim Cortés conseguiu a atenção de Montezuma, imperador asteca, que o recebeu na cidade sede do império asteca, Tenochtitlán. Cortés ousadamente invadiu o palácio de Montezuma e fez refém no coração da cidade de Tenochtitlán. O que se seguiu foi uma série de confrontos até Cortés conseguir relativo domínio dos astecas em 1525. Cortés ainda foi a Honduras e Baixa Califórnia para regressar a Espanha em 1547, onde morreu.

A colonização avançava pela América Central e pela Venezuela abriu-se uma porta a América do Sul. O explorador Vasco Nunes de Balboa que explorou o Panamá já havia recebido relatos de um rico império ao sul, o império Tahuantinsuyu. Sediado em Cuzco, na atual Peru, este império se estendia pela Bolívia e Chile. O império inca tinha cerca de um século de idade com uma dinastia de 12 gerações e era uma autocracia na qual todas terras pertenciam ao inca. As terras eram distribuídas entre famílias e cada agricultor entregava um terço de seus frutos aos deuses, um terço ao inca e um terço era para subsistência. A porção do inca sustentava seus funcionários, seu exército e sua família, com centenas de esposas e concubinas. Quem dedicou-se a conquista dos incas foi Francisco Pizarro (1476-1541), que partiu do Panamá para dentro do continente após receber fundos da coroa espanhola. Pizarro contou com uma epidemia de varíola que assolou o império, além de uma guerra pela sucessão ao trono inca entre Huáscar e Atahualpa após a morte de Huayna Cápac. Pizarro também contou com uma lenda de que em um tempo de crise no império, viriam do ocidente os “viracochas” para salvar o império. Pizarro encarnou a lenda e tornou-se aliado de Huáscar na guerra civil inca. Atraído pela lenda, Atahualpa que estava vencendo a disputa com Huáscar quis encontrar-se com Pizarro em Cajamar para saciar sua curiosidade e esse erro foi fatal: num ato de ousadia Pizarro apossou-se de Atahualpa. Enquanto era refém Atahualpa ordenou a morte de Huáscar, que foi assassinado. Em seguida, Atahualpa foi julgado pelos espanhóis e condenado a morte. Com a morte dos dois pretendentes, Manco Inca, que também era filho de Huayna, articulou a resistência inca. A guerra teve a adesão de vários povos índios que aliaram-se aos espanhóis contra o domínio inca e ainda houve uma disputa entre Pizarro e Diego de Almagro, outro conquistador espanhol. A região estava ainda mergulhada em guerra quando Pizarro foi assassinado em 1541.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.146-226

Missionários

A conquista das Américas por um lado foi articulada por homens gananciosos que cometeram atos de barbárie e crueldade. Por outro lado, existem inúmeras histórias de cristãos sinceros e devotos que derramaram sua vida em favor dos índios no continente americano. São algumas dessas histórias que conheceremos agora.

O próprio Cortés pediu a Carlos V o envio de frades para evangelizar os índios e em 1524 vieram doze franciscanos que ficaram conhecidos como “Doze Apóstolos”. Estes franciscanos dedicaram-se a fundar escolas na quais ensinavam principalmente os filhos dos caciques com o objetivo de por meio deles evangelizar suas tribos. Muitos caciques não enviavam seus filhos por medo, mas outras crianças da aldeia. O fato é que por meio desses centros conhecimentos rudimentares da fé cristã se espalharam pelas tribos. Além dos conflitos com os encomenderos, os frades e missionários entraram em conflito com muitos sacerdotes, muitos dos quais também eram beneficiados pelo sistema de encomiendas.

Outra polêmica se instalou com a queda do império asteca, pois muitos índios entenderam a vitória dos espanhóis como a superioridade da divindade cristã sobre os deuses indígenas. Isso acarretou o fato de que grandes massas de índios procuravam o batismo e muitos frades, após darem mínimas instruções de fé procediam ao batismo de grandes multidões. Logo a igreja cresceu no México e estabeleceu-se a Diocese de Tlascala, entregue ao Dominicano Julián Garcés.

Em vários lugares estabeleceu-se o método missionário das chamadas reduções: os índios eram reunidos em um povoado no qual ficavam sob o cuidado dos frades que organizavam a vida religiosa e civil dessa pequena sociedade. Os índios recebiam instruções cristãs e ensino sobre agricultura com a terra e os aparelhos agrários sendo divididos entre todos. Contudo, as reduções eram odiadas pelos índios que viam nisso uma traição e pelos encomenderos que não podiam explorar os índios sob tutela dos frades. Na Colômbia, destacou-se a figura de Juan de los Barrios (1497-1569), que se tornou bispo de Santa Marta e chegou a impor censuras eclesiásticas aos encomenderos que abusavam dos índios.

Contudo, ainda houveram muitos missionários que trabalharam muito além das fronteiras dos colonizadores, em lugares aonde sequer os encomenderos ainda haviam chegado. Muitos morreram adentrando o continente, fosse por doenças ou vítimas dos índios. Na Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia penetraram missionários franciscanos, dominicanos, de jesuítas e capuchinhos. Dentre esses, há de se fazer um destaque especial para Luís Beltrão (1526-1681). Nascido em Valência, tornou-se monge dominicano e aos 23 anos já era mestre dos noviços. Ao ouvir dos relatos dos índios nas Américas, sentiu um impulso missionário e foi apenas aos 36 anos de idade que desembarcou em Cartagena. Adentrando o interior, Beltrão passou por várias cidades e os relatos é de que mais de dez mil índios se converteram sob sua proclamação. Cronistas chegam a narrar que quando seus intérpretes não traduziam bem sua pregação, Beltrão orava e começava a falar no dialeto dos índios. Além de proclamador entre os índios, Beltrão engajou-se na luta contra os encomenderos. Luís Beltrão retornaria a Espanha após sete anos de frutífero ministério.

Outro nome que deixou marcas na história das missões neste período foi o Pedro Claver (1580-1654). Claver nasceu na Catalunha e desde cedo uniu-se aos jesuítas desejoso de se engajar nas missões americanas. Chegou em Cartagena em 1610 noviço e sob profunda confiança de seus superiores que não via nele qualquer inteligência ou talento. Apenas após 12 fez seus votos e inspirado pelo monge Alonso Sandoval resolveu dedicar suas vidas aos escravos africanos que chegavam aos milhares no continente. Pedro Claver conseguiu intérpretes para pregar aos escravos que chegavam dos navios negreiros no porto, aproveitando o período entre a chegada e a venda para ensinar-lhes o Evangelho. Utilizando métodos dramáticos, Claver segundo os relatos chegou a batizar 300 mil escravos. Além disso, o missionário fundou um leprosário para cuidar dos escravos leprosos e durante as ondas de varíola em Cartagena cuidou pacientemente dos enfermos negros. Pedro Claver teve um ministério assombrosamente vasto e poderoso em Cartagena, marcando com seu amor e sua dedicação sem limites essa página tão polêmica da história da igreja. Ao final da vida, o monge sofreu de uma doença paralisante vindo a morrer em 1654.

Ainda podemos destacar outros cristãos que deram grandes contribuições a igreja, como Turíbio Alfonso de Mogrovejo (1538-1606) tornou bispo de Lima e deu significativas contribuições para moralizar o clero e dar um formato a igreja latino-americana que começava a se formar. Turíbio publicou um Catecismo nas línguas indígenas, estabeleceu regras claras para o clero e defendeu os índios e os pobres. Além de Turíbio, Rosa de Lima (1586-1617) foi uma mística da Terceira Ordem de São Domingos que teve profundo impacto na sua sociedade. O mulato Martinho de Porres (1579-1639) pertencia a ordem dos dominicanos, embora nunca tenha superado o grau de servente de mosteiro por causa da sua origem. Atuando como barbeiro e aprendiz de farmacêutico cuidou de muitos enfermos e aliviou o sofrimento de muitas pessoas. Assim nascia a igreja latino-americana, no seio de imensas e complexas pressões, convivendo com todas as incoerências e tensões de um tempo marcado por mudanças estrondosas.